

Até quando?

Herbert Levy*

A Gazeta Mercantil do dia 23 publicou em sua 1ª página matéria com o título "Alta dos juros custou R\$ 4 bilhões em dois meses", e subtítulo "Gasto de R\$ 9 bilhões até o fim do ano". No texto: "Aumentar juros custa caro. A elevação das taxas de 19% ao ano para 49,75% vai custar, mais, entre R\$ 3,5 bilhões e R\$ 4 bilhões ao governo federal para rolar a dívida mobiliária que venceu em setembro e a que está vencendo em outubro – um gasto extra entre 0,38% e 0,43% do Produto Interno Bruto (PIB)".

"Pelas contas do Banco Central, se as taxas de juros continuarem nesses patamares até o fim deste ano, os cofres públicos

terão uma despesa adicional entre R\$ 8 bilhões e R\$ 9 bilhões em apenas quatro meses. A previsão do Chase Manhattan é que a conta de juros do País consumirá R\$ 61,6 bilhões em 1998, ou 6,7% do PIB".

Até quando vai durar essa insensatez e o grosseiro desrespeito ao limite imposto pela Constituição de juros de 12% a.a.? Juntamos o desastre eco-

nômico ao descumprimento da lei, o que é inconcebível.

Mas na área da economia privada, no comércio, na indústria e na agricultura, a devastação é ainda maior, com grande e imensurável incentivo à inadimplência e ao desemprego.

Custa crer que um homem de íntegridade pessoal como o presidente Fernando



Henrique Cardoso, só reeleito pelo reconhecimento dessas qualidades, o que superou o incrível desgaste econômico-social causado pela política econômica, persista nessa política.

E onde fica o sociólogo, sempre voltado aos problemas sociais? Não dá para entender.

O que é necessário é que as forças políticas e econômicas que apóiam o governo desistem para a realidade e pressionem decisivamente para mudança de direção.

Não se iluda o presidente FHC. A Nação está ficando far-

ta dessa política econômica imposta pelo FMI e aceita de bom grado pela equipe econômica do governo, apesar do exemplo sempre lembrado do que ocorreu no País, de 1980 a 84, por responsabilidade do ministro da Fazenda, Antônio Delfim Netto. Só para citar um dado, nesse período tivemos recorde de desemprego: 4,5 milhões de trabalhadores, dados do Ministério do Trabalho.

É mais do que tempo de reconhecer a realidade e processar uma retirada estratégica, sob pena de um irreparável desastre político e econômico. ■

* Presidente do conselho de administração da Gazeta Mercantil.